

Um sinal positivo de que a economia pode retomar taxas de crescimento adequadas às necessidades do país é a expansão de 3,08% do Produto Interno Bruto (a soma de todos os bens e serviços produzidos no país) no primeiro trimestre do ano em comparação ao mesmo período de 1999. A informação colhida em dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) despertou otimismo entre estrategistas da área oficial. Maior é o entusiasmo porque a indústria liderou o aumento da produção.

Todo desempenho que signifique avanço sobre a recessão instalada no país desde a década de 80 constitui alento contra o desânimo. Serve para retemperar a energia dos agentes produtivos e descortinar horizontes menos densos de incertezas. Mas receberê-lo como indicador preciso de que, doravante, não há mais obstáculos à reconquista da plenitude desenvolvimentista é atitude pouco pragmática.

A economia brasileira com certeza deslanchará em ritmo compatível com o potencial do país na hora em que se concretizar a decisão do governo de reduzir as taxas de juros. Há indicadores bastante favoráveis para que o acesso ao crédito recue a patamares de juros equivalentes aos praticados nos centros mais dinâmicos da economia mundial. Não há ameaças inflacionárias em razão de pressões desencadeadas pelo consumo.

Economia - Brasil Desenvolvimento

Há três anos, as quedas nas vendas do comércio varejista oscilam em torno de 30%. Uma reversão imediata de semelhante quadro, em consequência de créditos mais acessíveis à bolsa popular, é improvável. Afinal, a massa salarial real caiu 6,5% nos últimos dois anos. E as taxas de desemprego permanecem bastante elevadas (7,7 milhões de trabalhadores). É claro que, no médio prazo, o declínio das taxas de juros tenderá a reduzir os efeitos desastrosos da recessão. E não será para isso mesmo que se deseja reaquecer a economia?

Do lado das contas públicas, o panorama é estimulante. Os superávits primários (receitas maiores que as despesas, excluídos os encargos com juros) mantêm-se em 3% do PIB. A inflação básica medida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) se desenvolve no ritmo civilizado de 3% ao ano.

Observe-se que o aumento de 3,08% do PIB no primeiro trimestre, em relação a igual período do ano passado, incorpora fator com significado próprio. Em 1999, o crescimento nos três meses iniciais do ano foi da ordem de 0,73%, em razão dos desarranjos causados pela súbita e significativa desvalorização do real em janeiro.

Seja como for, o Brasil está diante da saudável perspectiva de vencer a estagnação e voltar às antigas taxas de crescimento. Mas o ímpeto do processo depende, mais do que a outro fator, da redução das taxas de juros.